

UM NOVO OLHAR SOBRE O BELO NA ÓTICA DE SANTO AGOSTINHO

A NEW LOOK ON THE BEAUTIFUL IN SAINT AGOSTINHO'S VIEW

Vilma dos Santos Borges¹

Resumo: O presente artigo analisa a conversão do olhar de Agostinho durante sua busca de Deus e de si mesmo. Em sua obra *Confissões*, Agostinho narra sua caminhada em busca de Deus como um (re)encontro, uma vez que ele já o tinha conhecido. O artigo foi escrito na tentativa de encontrar algumas respostas capazes de ajudar o leitor na complexa busca filosófica que nos instiga sobre o tema proposto. Serão abordados subtemas que servirão para refletirmos acerca da visão de Agostinho sobre o belo, tempo (duração), homem interior, memória, interior, exterior e interior superior. Em seu cerne, o artigo analisa a conversão da visão de Agostinho, para enxergar a beleza antiga de uma nova forma.

Palavras-chave: Agostinho. Belo. Deus. Estética. Memória. Sentidos.

Abstract: This article intends to analyze the conversion of Augustine's view during his search for God and for himself. In his work *Confessions*, Augustine recounts his journey in search of God as (re) encounter, since they had already been presented. The article was written as an attempt to find some answers that could able to assist the reader in the complex philosophical quest that instigate us on the theme. It will be considered sub-themes that will serve to reflect in Augustine's view of the beautiful, time (duration) inner man, memory, interior, exterior and superior interior. In its core it examines the conversion of Augustine's view on seeing the old beauty in a new way.

Keywords: Augustine. Beauty. God. Aesthetics. Memory. Meaning

1 Introdução

O cerne deste trabalho consiste em verificar a complexa busca filosófica, que nos instiga na compreensão do belo relatado por Agostinho nas *Confissões*. Salienta-se que, para o referido autor, o fundamento do belo é Deus, autor de toda beleza inteligível.

Agostinho tem um êxtase sobre as coisas belas, sua via estética perpassa sobre a beleza, encontrada nos corpos belos e, tardiamente, em Deus. Mas afinal, o que é o belo e a beleza? O que é o tempo? Será o tempo um fator determinante para este (re)encontro? Todos os sentidos servirão para a realização deste (re)encontro? Ou será a

¹ Licenciada do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), cursando especialização em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação. E-mail: vilmafilosofia@gmail.com.

visão o sentido educado para enxergar a beleza interior onde encontrará o verdadeiro conhecimento? Qual a função do regresso à memória?

Em busca das respostas a tantos questionamentos, enveredamos pela memória, segundo Agostinho (cf. 1984, p.274), caminho para com o qual retornará para realizar o (re)encontro, utilizando também a visão interior na busca pelo conhecimento, pois de todos os sentidos é o mais apto para enxergar a beleza divinal e, a interioridade do homem de onde emana a beleza inteligível.

Agostinho regressará a sua memória e sua interioridade, retirando as lembranças sobre Deus através da transição do tempo. O percurso do importante filósofo conduzirá à descoberta de duas dimensões de beleza, a exterior e a interior, esse percurso, portanto, se dá no homem através do tempo. A descrição deste processo revelará a conversão agostiniana, que acontece pelo esvaziamento de si e a conversão do olhar para o que realmente é belo, porque o melhor do homem se encontra dentro dele, atravessado pela beleza do superior

Inicialmente, Agostinho buscava a beleza em tudo, menos dentro de si mesmo. Aos poucos, foi se deixando seduzir pela beleza divinal, uma vez que já havia sido apresentado a esta beleza. Aquela beleza que os olhos sentem e outra beleza que os olhos são capazes de sentir.

Sendo assim, Agostinho já conhecia Deus, mas o que ele buscava era (re)encontrá-lo. A partir do momento em que o homem conhece Deus, seja pela fé que ensina, seja pela razão que demonstra esse conhecimento, está na memória a chave para a realização deste (re)encontro e assim o homem se lembra dele (AGOSTINHO, 1984) e pode reconhecer o Belo verdadeiramente.

O cerne da conversão agostiniana se encontra apoiada na citação “Tarde te amei ó beleza sempre antiga e sempre nova” (AGOSTINHO, 1984 p. 295), que consiste no desafio de ver o novo no que já existe, que acontece na grande arrancada do exterior para o interior e deste para o superior.

2. A estética do belo

O fundamento da beleza se encontra no que a faz realmente bela, isso significa, para Agostinho, que a beleza originária se encontra no divino. Segundo sua concepção, todas as coisas são belas e, no livro das *Confissões*, ele descreve o belo como fonte de encanto e harmonia, conforme lemos abaixo:

Amamos por acaso algo que não seja belo? E o que é o belo, o que é a beleza? O que é que nos atrai e nos liga aos objetos que amamos? Se não tivessem harmonia e encanto, não seríamos atraídos”. Eu via e observava, então, que, num corpo, uma coisa é a beleza no seu todo, e outra é a sua sintonização com os outros corpos, e isso é a harmonia, tal como a parte em relação ao todo, o calçado em relação ao pé, e coisas semelhantes (AGOSTINHO, 1984, p.101 grifos do autor).

Conforme o excerto, Agostinho afirma que a descoberta do belo divinal encontra-se onde há unidade de toda beleza e que se encontram em Deus, que é o seu fundamento. “[...] ó beleza que atrai o olhar dos virtuosos. [...] Para qualquer parte que se volte a alma humana, se não se fixa em ti, se agarra à dor, ainda que se detenha nas belezas que estão fora de ti e fora de si mesma. Estas nada teriam de belo, se não proviessem de ti” (AGOSTINHO, 1984, p. 97-58). Sendo assim, o jovem Agostinho "sem dúvida, apreendeu Deus intelectualmente, mas não consegue orientar sua vontade por Deus" (BRACHTENDORF, 2008, p.146), amando apenas as coisas exteriores e, cada vez mais, se afundava no abismo de suas inquietações e questionamentos.

As inquietudes do coração do filósofo em questão e o encontro com as coisas seculares eram ações que o afastava da verdade. Mas a trajetória, em sua mente, continua buscando os amores vividos, os quais se encontram à disposição: o jogo, as mulheres, a orgia de toda espécie, estas foram algumas das belezas conhecidas e vividas por Agostinho. Desse modo, apresentadas várias iguarias fantasiosas, que enganavam os sentidos e o olhar, as quais, muitas vezes, serviram de alimento para ser ingerido, pensando que era Deus.

Agostinho afirma, em suas *Confissões*, que a medida que ingeria tais alimentos, descia, rapidamente, pelos degraus da infidelidade. Atormentado pela sede da verdade, buscava Deus, não pela sensação e sim com os sentidos carnis. No entanto, o filósofo cristão afirma ter vivido do drama de não perceber a verdade, que está contida em Deus, mas era oculta aos seus olhos, porque o seu intelecto não estava voltado para o bem supremo, fonte de toda beleza.

Desse modo, é possível afirmar que a estética de Agostinho perpassa o belo, fundamentada em Deus, pois o que o olho humano valoriza como estético, se distancia de Deus e se aproxima mais do homem, uma vez que, no seu livro *Confissões*, declara:

Quantas e quantas coisas os homens não acrescentaram às seduções da vista, com a variedade das artes e com o trabalho de suas mãos, na

roupa, nos calçados, nos vasos e objetos de todos os gêneros, e também na pintura e outras reproduções, indo além dos limites da necessidade, da moderação e de uma pia significação! Seguindo exteriormente suas criações, os homens abandonam interiormente o Criador deles, deturpando em si a obra divina. Eu, porém, ó meu Deus e minha glória, encontro também aí oportunidade de erguer um hino e um sacrifício de louvor aquele que sacrifica por mim [...] No entanto, aqueles que fabricam ou admiram essas obras dotadas de beleza exterior, delas tiram o critério para um julgamento estético, e não a norma para bem usá-la (AGOSTINHO, 1984, p.307).

A partir desta afirmativa, a estética em Agostinho, no livro das *Confissões*, pode ser definida não como uma beleza exterior, mas fundamentada no interior, de onde emana a beleza inteligível. Portanto, tal estética carrega em si um difícil conhecimento racional e uma precisa definição da beleza divinal. Como consequência disso, quanto mais Aurélio Agostinho buscava a beleza no exterior se reconhecia fraco e miserável, mas sua fortaleza se encontrava na busca pelo (re)encontro com o misericordioso.

O pensamento agostiniano se povoava de inquietações em relação a este objeto tão bom e belo e, mesmo quando Agostinho cometia tantos deslizos, ainda assim, Deus protegia aquele a quem tanto amava, pressuposto que Deus é a fonte que tudo criou, que está em todas as coisas, embora nenhuma das suas criaturas o contém, pois estão no tempo. Mas o que é o tempo?² Agostinho o declara no livro das *Confissões*:

Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei. No entanto, posso dizer com segurança que não existiria um tempo passado, se nada passasse; e não existiria um tempo futuro, se nada devesse vir; e não haveria o tempo presente se nada existisse. De que modo existem esses dois tempos – passado e futuro –, uma vez que o passado não mais existe e o futuro ainda não existe? E quando ao presente, se permanecesse sempre presente e não se tornasse passado, não seria mais tempo, mas eternidade (AGOSTINHO, 1984, p.338).

O tempo será o intermediário para a realização do (re)encontro em questão, ao qual Agostinho retorna, a partir da memória. E, no livro das *Confissões*, a memória é definida como “um grande palácio onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção” (AGOSTINHO, 1984, p.274), onde se encontram depositadas todas as lembranças que aumentam ou diminuem conforme a passagem do tempo:

² Como a noção de reconhecimento do Belo se dá, no homem, como um percurso, consideramos importante apresentar brevemente a reflexão de Agostinho sobre o tempo para evidenciar o papel deste na discussão sobre o Belo.

Com esta remodelação da nomenclatura dos três êxtases temporais fará ligar a cada um deles outras tantas faculdades humanas: à lembrança do passado à Memória, à visão do presente a consciência, e à esperança do futuro, a Imaginação. Será numa consciência unificadora que Memória e Imaginação concorreram para a compreensão do tempo (MAGALHÃES, 2012, p. 88-89).

Conforme o excerto, à medida que relembra de sua vida, as lembranças tendem a diminuir e a memória tende a crescer, pois “encontrará na memória o motor de todo este processo” (MAGALHÃES, 2004, p. 94). Esse movimento acontecerá em relação aos ensinamentos sobre o autor de todas as belezas, que Agostinho receberá de sua mãe, Mônica. Logo, quando relembra dos momentos vividos no passado, retomam o amor, as belezas exteriores uma vez que, “acreditava que tua grandeza e tua beleza subsistissem em ti como os acidentes nas substâncias, por exemplo, nos corpos” (AGOSTINHO, 1984, p.107), sendo Deus a própria grandeza que se mistura com o tempo, que não possui extensão:

Logo, o tempo presente não tem extensão alguma. Onde se encontra então o tempo que possa ser chamado de longo? O futuro? Não dizemos certamente que é longo, porque não existe ainda. Dizemos, sim, que será longo. E quando será? Se esse tempo ainda agora está para vir, não será longo. Mas só o poderá começar a ser no instante em que nascer desse futuro – que ainda não existe – e se tornar tempo presente, porque só então será capaz de ser longo (AGOSTINHO, 1984, p.341).

Assim, o tempo só se tornará longo, quando as lembranças do passado se distanciarem da mente e aquele se apresentará curto, quando delas se lembrar. Esta afirmação é plausível e pautada na citação “Minha infância, que não existe mais, está no passado, que também não mais existe. Mas a imagem dela, quando a evoco e é objeto de alguma conversa, eu a vejo no presente, porque está ainda na minha memória” (AGOSTINHO, 1984, p.343).

Dessa forma, espera o autor das *Confissões* que através de sua memória, possa encontrar a Deus, criador também do tempo. Ele não podia medir o futuro, porque este ainda não existia. Desse modo, o que tinha passado tomou grande proporção, se transformando em lembranças as quais não mais existem. Já o presente se resumia nas lembranças, ora ternas ora rudes. Mas isso, segundo ele, é vida, que se vive enquanto o

tempo se movimentava. Portanto, os acontecimentos vêm e vão, passam e não são sentidos.

Essas noções fizeram parte de quase toda a vida do filósofo cristão em questão, segundo os registros que nos informam a esse respeito, pois não havia percebido, que o tempo estava passando e seu (re)encontro com o autor da beleza divinal se tornava cada vez mais próximo. “Assim eu meditava, e tu estavas a meu lado. Eu suspirava e tu me ouvias. Eu tateava e tu me guiavas. E andava pelos caminhos do mundo, e tu não me abandonavas” (AGOSTINHO, 1984, p.147). Sendo assim, embora Agostinho já tivesse na consciência a ideia de Deus, o que ele não sabia era qual seria o caminho a seguir para (re)encontrá-lo.

Agostinho trazia à memória aquele que tanto procurava, uma vez que ainda não tinha sepultado Deus em suas lembranças. É possível afirmar, assim, que os sentimentos contidos na alma eram intensos, porque a memória sempre nos permite lembrarmos do que esquecemos.

Quando falo do esquecimento, e sei aquilo que nomeio, como poderia reconhecê-lo, se dele não me lembrasse? E não falo do som da palavra em si, mas da realidade que esta significa. Se eu a tivesse esquecido, não seria certamente capaz de reconhecer o que significa esse som. Portanto, quando me lembro da memória, é a própria memória que se apresenta a mim. Quando, pelo contrário, me lembro do esquecimento, tanto a memória como o esquecimento vêm à minha presença. A primeira é o meio pelo qual recordo; a segunda é o objeto que recordo. Mas o que é o esquecimento senão a privação da memória? E como pode estar presente, para que eu recorde, se quando está presente não posso recordar? O que recordamos está guardado na memória, e se não lembrássemos do esquecimento, não poderíamos nem mesmo reconhecer o que significa esta palavra ao ser pronunciada, e isto quer dizer que a memória retém o esquecimento (AGOSTINHO, 1984, p.283).

A busca de Deus ainda continuava na memória de Agostinho, sua preocupação era intensa em relação a Deus, seus questionamentos ainda o atormentavam em sua memória. Será que conseguiria encontrar Deus fora de si mesmo? E como encontrá-lo se não se lembra? Assim, o tão esperado (re)encontro entre o amor e o amado, estava próximo. Agostinho afirma que:

Assim é, para que eu “alcance aquele por quem já fui alcançado” e me desprenda da dissipação dos dias antigos, seguindo a Deus uno. Assim, “esquecendo o passado”, sem a preocupação das coisas futuras que passarão, e inteiramente “voltado para o que é” eterno, “poderei

caminhar para o prêmio da vocação do alto”, não na distensão, mas com desejo pleno; [...] e “contemplarei a tua beleza”, que não tem começo nem fim. Agora, porém, “transcorrem os meus anos em lamentos”. [...] Mas eu me dispersei nos tempos cuja ordem ignora, e os meus pensamentos, vísceras da minha alma, são dilacerados por tumultuosas vicissitudes, até que eu purificado pelo fogo do teu amor mergulho em ti (AGOSTINHO, 1984, p.356-grifos do autor).

A medalha ou “prêmio da vocação do alto” (AGOSTINHO, 1984, p. 356) ainda demoraria a ser alcançada, pois a trajetória em direção à conquista estava só começando. Desse modo, seguindo o percurso que sua mente traçava, Agostinho seguia em direção àquele que é o princípio e fim da beleza, mas “ainda não encontrava a atitude que lhe teria dado força para manter-se em Deus, e persevera no orgulho de seu conhecimento” (BRACHTENDORF, 2008, p.146).

O poder da memória é muito grande, todavia o filósofo supramencionado percebeu que havia um tempo em que sua vida era só lamentação: Lamentava das escolhas feitas, que o afastava do objeto tão desejado. Não tem relevância a ordem que os fatos aconteceram, mas dentre tais escolhas estão o maniqueísmo, o adiamento do seu batismo, a separação da mãe de Adeodato, as dificuldades na escola, entre tantos outros tais acontecimentos faziam com que Agostinho dilacerasse o seu pensamento e não fosse ao encontro de Deus, daquele que o libertaria de todos os temores.

Nesse sentido, Agostinho teria de voltar-se para o seu interior, “no grande palácio da memória” (AGOSTINHO, 1984, p.275). Para evocar aquelas lembranças contidas “nesses lugares” que o tempo não apaga. “E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. Já o presente do presente é a visão, ao passo que “o presente do futuro é a espera” (AGOSTINHO, 1984, p.344), que o homem encontre consigo e com Deus.

Conforme o filósofo, não é fácil perceber a existência de Deus. “O tempo é a medida de uma vida que procura o seu (re) encontro consigo mesmo”, pois Agostinho aproveitou deste tempo como extensão, para através de suas experiências, “regressar ao seu lugar natural” (MAGALHÃES, 2004, p. 93-94). Agostinho empregou ainda todas as suas experiências que adquiriu com o tempo, para realizar o seu tão ansiado (re) encontro com o autor também do tempo, em síntese, sua conversão do olhar tem como meta regressar ao seu lugar natural - a memória e o seu interior. Portanto, quanto mais o tempo passava, reavivava na memória de Agostinho o Deus apresentado por Mônica e,

mais tarde, pelo bispo Ambrósio, que estava o tempo todo em seu interior, última via a ser buscada.

Portanto, é na memória que todos esses acontecimentos são armazenados em seus esconderijos secretos e inacessíveis, para serem reencontrados no momento oportuno, tanto para o reencontro com Deus quanto para a percepção do Belo. E, essa oportunidade também se encontra na visão intelectual, sentido que é apto para enxergar o conhecimento.

3 A visão na busca pelo conhecimento

A conversão agostiniana já se principia no próprio autor das *Confissões*, mesmo sabendo da existência de Deus, através de todos os seres criados, mesmo assim, ele se questiona: o que se poderia amar que não viesse de Deus?

Mas o que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas [...] Nada disso amo[...] E o que é isso? Perguntei todas os seres que me rodeiam o corpo: “Falai-me do meu Deus, já que não sois o meu Deus; dizei ao menos alguma coisa sobre ele”. E exclamaram em alta voz: “Foi ele quem nos criou”. Para interrogá-los, eu os contemplava, e sua resposta era a sua beleza. Dirigir-me então a mim mesmo, e perguntei: “E tu, quem és”? E respondi: “Um homem”, o qual é dotado de corpo e alma, um exterior outro interior, pelo exterior já o conhecia, restava apenas voltar-se para o seu interior e (re) encontrar aquele que tanto procurava (AGOSTINHO, 1984, p. 271, grifos meus).

Desse modo, todas as vezes que Agostinho tentava fugir de Deus, Deus sempre o encontrava. Assim “a visão do divino aparece, justamente como ápice da compreensão racional, a razão é caracterizada como órgão da visão intelectual” (BRACHTENDORF, 2008, p.136). E era, esta visão intelectual que tomava conta de Agostinho.

Para tudo se usa dizer: “Veja”. Não só dizemos: “Veja como brilha”, o que somente os olhos podem perceber; mas também: “Veja como ressoa, como cheira, como tem sabor, como é duro”. Por isso, todo o conjunto de experiências que nos vem pelos sentidos, de concupiscência dos olhos. De caber aos olhos a tarefa de ver, os restantes sentidos assumem-na por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer. Daí não ser difícil distinguir o que nos sentidos pertence à volúpia ou a curiosidade. A volúpia procura o que é belo, harmonioso, perfumado, agradável ao gosto e ao tato. A curiosidade, pelo contrário, procura o oposto, não pela vontade de se aborrecer, mas para ter a satisfação de tudo experimentar e conhecer (AGOSTINHO, 1984, p.308-grifos do autor).

A curiosidade de Agostinho acontecia através dos olhos, pois ansiava ter um olhar sobre o belo, conhecendo e experimentando o contato com aquele que um dia lhe fora apresentado. Neste período, a sua alma ainda estava inundada pelas falsas opiniões em relação à luz, a verdade espiritual a qual iluminaria seu pensamento, servindo de caminho para a realização do tão ambicionado (re)encontro. Para Agostinho, a luz invisível, que é Deus, contém toda beleza existente na criação.

A verdadeira beleza, que se encontra em Deus, poderia ser captada através do espírito de cada um. Quando o homem deseja contemplar a Deus e ao belo, deve deixar os apegos corporais e torna-se belo e divino, voltando-se para a sua interioridade, processo constituído pelo olhar interior, que ocorre através das lembranças vividas no passado, que interferirão nas escolhas vividas no futuro, a partir da vida presente.

Da claridade da luz divina, que seu frágil olho espiritual não consegue suportar, ele é lançado de volta ao âmbito da experiência habitual. A subida não conduz à proximidade do supremo, mas apenas a uma visão de longe, o que Agostinho também mal pode tolerar, de modo que a experiência se interrompe após alguns instantes. A voz divina exorta-o a crescer espiritualmente e se tornar mais forte, para que ele possa alcançar uma visão mais adequada (BRACHTENDORF, 2008, p.137).

O processo descrito no excerto acima ocorre através daquela mudança radical no modo de ver as coisas e que tem uma relação com as transformações interiores que se dão no e através do tempo. Nesse sentido, Agostinho “continua sofrendo de sua fraqueza visual” (BRACHTENDORF, 2008, p.137), apesar de enxergar com os olhos humanos, sua alma será capaz de ver o mundo como é, mas modificado pela sua conversão, assim Agostinho descobrirá a beleza interior de sua alma. Todavia a conversão, pode ser conquistada através da contemplação que acontece quando desviamos nosso olhar físico para o que existe de belo em nós mesmos.

“Retorna a ti mesmo e olha”. E, se ainda não te vês belo, faz como o escultor, ele que trabalha o mármore, esculpindo-o até extrair uma bela imagem. Cultiva a ti mesmo, purificando-te nas virtudes e no gozo da beleza inextinguível. Transmutarás tua interioridade nesta divina luz sem medida, tornando-te capaz de contemplar, tanto a beleza de uma alma boa, como a origem de todas as expressões do belo sensível e inteligível (HINRICHSEN, 2009, p. 43, grifos do autor).

No contexto das *Confissões*, a alma superior é Deus, de onde emana essa beleza inteligível. Ela que nasce dentro de cada um, como consequência disso, somente consegue contemplar o belo divinal quem se torna belo e divino, ou seja, aquele que se volta para dentro de si mesmo e descobre uma alma bela, pois assim se empenhou Agostinho nesta conquista. Logo, para conseguir atingir a verdade que se encontra em Deus, o filósofo cristão mudou as atitudes e comportamentos, pois converter-se é um processo de mudança plena no modo de ver e ir além, atingindo a metafísica da beleza.

Agostinho sentia Deus no seu interior mais do que a parte mais íntima do seu ser, mas continuava se angustiando e inquietando, uma vez que o receio da aproximação era constante e adia dia após dia esse encontro, porque as mesmas formas que o seduziam, eram as mesmas que ofuscavam o seu olhar em direção à fonte da beleza.

Imerso na cegueira espiritual, Agostinho não conseguia evidenciar o que tanto desejava, não conseguia sentir a beleza interior, fonte de toda beleza captada pelos sentidos e, na busca desta verdade, sentia sua alma vazia. No entanto de acordo com as *Confissões*, o todo poderoso tinha planos para Agostinho, assim como fez com Saulo³, que educou e disciplinou os seus sentidos para sua conversão do olhar. Depois da queda, Saulo enxergou a luz que seria sua salvação e Agostinho já sentia, em sua vida, o reflexo dessa luz. A mesma luz usada por “Tobias que ensinava o filho o caminho da vida e o precedia sem o perder, Isaac para bênção de seus filhos e Jacó abençoando os filhos de José” (AGOSTINHO, 1984, p.306, grifos meus).

Dessa união do humano com o divino foi se revelando a beleza divina, amor do homem pelo criador. Assim, “a beleza que, através da alma do artista, é transmitida às suas mãos, procede daquela Beleza que está acima de nossas almas, e pela qual a minha alma suspira noite e dia” (AGOSTINHO, 1984, p.307).

O olhar de Agostinho já enxergava a beleza interior, aonde se origina a beleza e todas as coisas belas. Sua viagem ao interior de si mesmo tomou, agora, um novo rumo: o encontro consigo, pois “todo conhecimento ocorre dentro e a partir de dentro” (GILSON, 2010, p. 146).

O caminho encontrado por Agostinho para ser trilhado em busca da Verdade deveria se basear na fé, essa afirmação é apoiada na citação “O primeiro passo na vida

³ Saulo nasceu na Ásia Menor, era judeu e pertencia a seita dos fariseus. Por isso era inimigo dos seguidores de Cristo. Mas uma reviravolta acontece em sua vida, pela misericórdia de Deus, em uma viagem para Damasco, na qual iria prender todos os cristãos, uma forte Luz o envolve e o faz cair do cavalo e ouvir uma voz que questiona “Saulo, Saulo, por que me persegue? Quem és Tu? Eu sou aquele a quem persegue. Depois deste encontro a vida de Saulo, mudou, e de perseguidor, tornou-se Paulo, pregador do evangelho (Deusdepromessa.spaceblog.com.br/2072551/Quem-Foi-Saulo-de-Tarso).

que conduz o pensamento em direção a Deus é a aceitação da revelação pela fé” (GILSON, 2010, p. 61), pois a busca desse conhecimento para o inteligível foi o objetivo estabelecido por Agostinho, nessa etapa de sua vida, uma vez que no momento que encontrasse a verdade, finalmente encontraria a Deus.

Mas qual a posição em que se encontra Agostinho para a realização deste (re) encontro? Uma vez que, em quase toda sua vida, amava as belezas seculares, encontradas no exterior e fugia da verdade, esta imersa em seu interior? A conversão do olhar seria o caminho.

Portanto, ele, pela conversão do olhar, buscou a Deus e o encontrou. A resposta aos questionamentos anteriores consiste no fato de Agostinho ter encontrado Deus, “Aquele que se alegra em Deus, portanto, ama e cuida da criação, a si mesmo e o outro, pois cada ser é possibilidade de encontro com o divino” (HINRICHSEN, 2009, p. 84). Neste (re) encontro com o divino, se encerra toda busca.

Eis o espaço que percorri em minha memória para buscar-te, Senhor, e não te encontrei fora dela. Nada encontrei referente a ti, de que não me lembrasse desde que te conheci, porque, desde então, nunca mais me esqueci de ti. Onde encontrei a verdade, aí encontrei o meu Deus, que é a própria verdade, da qual nunca mais me esqueci, desde o dia em que a conheci. Desde então permaneces em minha memória, e aí eu te encontro, quando me lembro de ti e em ti me alegro (AGOSTINHO, 1984, p.293).

A percepção agostiniana já demonstrava sinais de mudanças, estas já desejadas por sua vontade, pois os movimentos circulares de idas e vindas habitavam em sua mente, não mais como no passado, mas como algo futuro, do qual os tesouros, ainda estavam por vir, não sabendo ele, o que o autor da beleza inteligível estava preparando.

É importante afirmar que Agostinho pedia a Deus que o curasse da cegueira que o impedia de enxergá-lo, pois a luz do invisível já o tinha atingindo, e ele aguardava ansioso o momento em que a luz invisível iria afugentar sua cegueira.

Encontrada a verdade, Agostinho compreendeu o conhecimento de Deus e, nessa compreensão de conhecimento de Deus, se realiza o movimento de busca. O resultado da busca estava comprimido em sua memória, cujo objetivo, era lembrá-lo de todos os momentos que Deus se fazia presente em sua vida, como o acompanhou em toda sua trajetória de maneira silenciosa e constante, “Ao atingir aquilo que é desejado, a vontade transforma-se em amor, e encontra quietude desfrutando daquilo que é amado”

(CUNHA, 2001, p. 17). Esse amor e quietude se encontram em Deus, fonte da primeira beleza.

4 Deus fonte da primeira beleza

O homem interior, agora, estava tomado pela luz que atinge o inteligível. Agostinho seria “iluminado interiormente por Deus” pois, para ele, “a procura é sempre interior” (MAGALHÃES, 2004, p. 97). O divino se manifestava em toda sua alma, agora já não mais estava ressequida, pois o seu interior estava preenchido por Deus. Assim, Agostinho buscou a Deus que se encontrava escondido em sua memória, conseqüentemente, é através da memória que Deus deve ser buscado.

A doutrina do belo, pautada na lei da interioridade, se encontra no seu pensamento, pois nenhum conhecimento surge de fora para dentro, segundo a doutrina agostiniana, mas já se conhece o que um dia foi apresentado. Por isso “aprender é relembrar” (GILSON, 2010, p. 147), e neste aprendizado, Agostinho se lembrou do Deus caridoso, paciente e fiel. Desse modo, o autoconhecimento ocorrerá na trajetória do exterior para o interior e desse para o superior.

O regresso a si mesmo é, paradoxalmente, superação de si mesmo, pois, lá na intimidade, onde se acende a luz da razão, ocorre o encontro com a Verdade, estável e imutável. Acima da razão, portanto, encontraremos a fonte da nossa possibilidade à Verdade. [...] num movimento que do exterior nos conduz ao interior e desse ao superior (HINRICHSEN, 2009, p. 72).

A busca pelo autor de todas as belezas se encontrava dentro de Agostinho, bastava voltar-se para dentro de si mesmo, continuando o percurso que já havia começado, lá encontraria a Verdade, como consta na seguinte passagem da obra do estudioso Luís Evandro Hinrichsen:

Não queiras dispersar-te fora; entra dentro de ti mesmo, porque no homem interior reside a verdade; e se achares que tu naturalmente és mutável, transcende a ti mesmo, mas não esqueças que, ao remontar-te sobre as alturas do teu ser, te elevas sobre tua alma, dotada de razão. Encaminha, pois, teus passos ali onde a luz da razão se acende. Pois, aonde chega todo bom pensador, se não é verdade? [...] Confessa que tu não és a verdade, pois ela não se busca a si mesma, entretanto tu a alcançaste pela investigação, não percorrendo espaços, isto sim, com o efeito espiritual, a fim de que o homem interior concorde com seu

hóspede, não com a fruição ínfima e carnal, isto sim com elevadíssimo deleite espiritual (HINRICHSEN, 2009, p. 72).

Realizado o percurso descrito por Hinrichsen na citação, poderá ocorrer a contemplação, pois o inteligível já foi atingido. No processo de querer e poder caminhava Agostinho para a sua conversão do olhar, sendo que as palavras de Deus já estavam gravadas em seu coração.

Agostinho, agora, começava sua reflexão, não mais sobre o passado e sim sobre o futuro uma vez que as dúvidas em relação a Deus tinham sido superadas, pois tudo que ele viveu no passado, agora encontrava nova concepção, uma vez que Deus passou a ser o fundamento da busca, as suas atitudes passadas ficaram apenas em sua memória.

As atitudes ficaram no passado não para torturar Agostinho, mas para que o antônimo de suas atitudes fosse praticado no futuro, uma vez que a sua conversão aconteceu no tempo intermediário, entre o passado e o futuro, os acontecimentos futuros já consumiam Agostinho, antes de acontecerem.

Ultrapassarei então essas minhas energias naturais, subindo passo a passo até aquele que me criou. Chegarei assim ao campo e aos vastos palácios da memória, onde se encontram os inúmeros tesouros de imagens de todos os gêneros, trazidas pela percepção. Aí é também depositada toda a atividade de nossa mente, que aumenta, diminui ou transforma, de modos diversos, o que os sentidos atingiram, e também tudo o que foi guardado e ainda não foi absorvido e sepultado no esquecimento (AGOSTINHO, 1984, p.274).

A memória de Agostinho, ainda retinha alguns acontecimentos e foi no jardim próximo a sua casa que todo processo de conversão começou.

Junto a nossa residência havia um jardim, do qual dispúnhamos, como de toda a casa, pois o proprietário que nos hospedava não residia no local. Para aí fui levado pelo tumulto do coração, onde ninguém podia interferir na luta violenta que travava comigo mesmo, e cujo resultado nem eu mesmo conhecia, somente tu. Eu enlouquecia para recuperar a razão, morria para viver, e estava consciente do meu mal, sem saber do bem que viria pouco depois (AGOSTINHO, 1984, p.218).

Agostinho, passeando neste jardim, chegou até uma figueira, e em sua mente, precipitou-se todo ensinamento sobre Deus, que um dia ouvira de sua mãe e do bispo Ambrósio⁴.

Deixei-me, não sei como, cair debaixo de uma figueira e dei livre curso às lágrimas, que jorravam de meus olhos aos borbotões, como sacrifício agradável a ti. [...]. Sentia-me ainda preso ao passado, e por isso gritava desesperadamente: “Por quanto tempo, por quanto tempo direi ainda: amanhã, amanhã? Por que não agora? Por que não pôr fim agora à minha indignidade?” Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração (AGOSTINHO, 1984, p.226, grifos do autor).

Para Agostinho, Deus nunca abandona o ser humano, mas é o ser humano que encontra dificuldade em retornar para Deus. O autor nesse contexto, estava na posição do servo fiel, que não espera ouvir o que deseja, mas aquilo que o Mestre tinha a lhe falar, sendo assim, foi na sua memória que buscou a lembrança que agora soava em seus lábios, aquele som de exaltação da beleza e do amor a Deus que se deu após um longo percurso.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procuravas do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiram se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz (AGOSTINHO, 1984, p.295).

No momento descrito no excerto acima, Agostinho estava unido a Deus com todo seu ser, não mais questionava e tinha agora vida verdadeiramente plena. Mas ainda lembrava em sua mente que trinta anos buscava Deus fora de si, embora Deus estivesse dentro dele todo este tempo. Assim, continuava invocando o autor de todas as belezas:

⁴ Bispo Ambrósio exerceu grande influência na conversão de Santo Agostinho, ao interpretar a Sagrada Escritura de um modo que tornou aceitáveis, para a mente de Agostinho, mesmo as passagens até então para ele incompreensíveis (CONFISSÕES, 1984, p. 7). Agostinho aprendeu de Ambrósio que o Catolicismo não sustentava as doutrinas que os maniqueus e outros lhe pregavam. Agostinho pretendia, segundo o mesmo confessa, era chegar a compreender os mistérios cristãos com a ajuda do neoplatonismo, mas o que escutou dos lábios de Ambrósio foram os sermões precisos (Cf. STREFLING, 2007, p. 267).

Eu te invoco, “meu Deus, misericórdia minha”, que me criaste e não te esqueceste daquele que se esqueceu de ti. Eu te chamo à minha alma, que preparas para te receber, inspirando-lhe este desejo. Não desampares aquele que te invoca, tu que te antecipaste, antes que eu te invocasse (AGOSTINHO, 1984, p.399, grifos do autor).

Agostinho, era um novo homem, pois o que amava no exterior, sentiu com mais intensidade no interior e este se elevou ao superior. É ascensão a Deus. De todas as recordações vividas, Agostinho (re) encontrou com aquele a quem tanto buscou. Foi até o seu interior, onde conseguiu obter um olhar sobre o belo, porque todas as coisas são belas, porém, mais belo é quem as criou. Agostinho renascia interiormente e quanto mais crescia, largava a beleza exterior, que era substituída pela beleza interior. Agostinho, agora, tocado por Deus, ardia no desejo de sua paz.

5 Conclusão

No livro *Confissões*, Agostinho relata que o belo se fundamenta em Deus e, em sua trajetória de vida, percorre um longo caminho para encontrar com aquele que estava dentro dele o tempo todo. Dessa forma, a conversão do olhar acontece quando se olha para o que já existe de maneira diferente. Assim, passou Agostinho por uma transformação radical no modo de ver Deus, pois todo tempo o via, mas nunca o enxergava.

Quando Agostinho aprimorou os seus sentidos, foi a visão intelectual que o revelou o que tanto procurava. A conversão do olhar é resultado da mudança que ocorre dentro de si, é ver as belezas exteriores com um olhar convertido pelo interior. Também pode ser definida como mudança radical adquirida na verticalidade, ou seja, crescimento feito para o alto em busca do conhecimento seja esse de Deus ou não.

O homem é cercado de várias belezas, apenas cabe ao homem questioná-las para depois contemplá-las. As belezas exteriores são transitórias e a beleza interior que é imutável, é percebida pelo intelecto. Nesta vertente de duas vontades, passou Agostinho toda sua juventude e, aos trinta anos, pôde perceber que buscava Deus em tudo, menos dentro de si. Confessando que tardiamente amou aquela beleza imutável, sempre antiga, porque na sua deformidade só via as belezas exteriores, pois Deus estava com ele e ele fora de Deus.

Assim, retornou a sua memória e de lá retirou todas as lembranças, não como as tinha depositado, mas modificadas pela sua conversão do olhar. Agostinho agora sentia

fome interior, mas o único que podia saciá-lo era Deus, que (re) encontrou através da conversão do seu olhar. Dessa forma, pode enxergá-lo como novo, uma beleza antiga, pois já havia sido atraído por sua beleza divinal a qual nunca mais se afastou.

6 Referências

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.
- BRACHTENDORF, J. *Confissões de Agostinho*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2008.
- CUNHA, Mariana Palozzi Sérulo. *O movimento da alma: a invenção por Agostinho do conceito de vontade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- GILSON, É. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, 2010.
- HINRICHSEN, L. E. *A estética de Santo Agostinho: o belo na formação humana*. Porto Alegre: ESTEF, 2009.
- MAGALHÃES, M. M. Na busca de sentido: sobre o tempo, memória e perdão nas Confissões de Agostinho. *Civitas Avgvstiniana*, v. 2, 2007, p. 74-114.
- STREFLING, S. R. A atualidade das *Confissões* de Santo Agostinho. *Teocomunicação*, v.37, n. 156, jun.2007, p. 259-272.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Jasson da Silva Martins pela orientação do Trabalho de Conclusão de Curso do qual resultou o presente artigo.